

# “O povo português não é infinitamente paciente”

**Sociólogo** é investigador no Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia de Coimbra

**O povo voltou ontem a sair à rua de forma pacífica. O Governo pode interpretá-lo como ainda tendo corda para esticar?**

Os políticos podem fazer essa leitura, mas sinais tão fortes e próximos no tempo devem deixá-los alerta. Os portugueses não foram passivos, foram pacíficos, numa demonstração da maturidade democrática e soberania que não dá espaço a grupos violentos. Mas não é de pôr de lado que isso venha a acontecer, à medida que o cinto vai apertando. A instabilidade que vem de não se saber que novas medidas de austeridade nos esperam não ajuda.

**Os portugueses podem tirar a pele de cordeiro e vestir a de lobo?**

Admito focos de violência,

o povo português não é infinitamente paciente e tem cada vez mais consciência das desigualdades de que é vítima. Ou as coisas se invertem no curto prazo ou podemos entrar numa espiral de violência. E discursos como o de ontem da CGTP só inflamam mais os ânimos. Uma fâisca, como o fe-

cho de uma fábrica, pode incendiar os ânimos.

**Esta manif surge 15 dias depois da de 15 de setembro. Como é que o Governo as deve interpretar?**

A manifestação de hoje teve um caráter político, organizado, é uma resposta enquadrada em torno do Partido Comunista e ligada a aspetos laborais, com potencial económico mais negativo, por via do apoio à greve. A de 15 de setembro teve um potencial de liberdade e criatividade maior, com pessoas de todos os quadrantes políticos, inclusive votantes

no PSD e CDS, pelo que pode ser mais penalizadora para o Governo, do ponto de vista da base de apoio político.

O Governo não pode ler uma sem a outra, foram ambas de descontentamento e protesto. A democracia não existe só de quatro em quatro anos.

ALEXANDRA FIGUEIRA

